

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS – UNIEVANGÉLICA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Deilde Gouveia de Sá
Enayar Araújo Ferreira
Karlla de Moraes Fleuri
Paola Patrícia Santos Bandeira

AS INFLUÊNCIAS DA DEPRESSÃO PÓS-PARTO E A AUSÊNCIA DA
AMAMENTAÇÃO EM BEBÊS

ANÁPOLIS
2023

1 INTRODUÇÃO

A depressão pós-parto é uma condição de saúde mental que afeta muitas mulheres após o parto, e pode causar sintomas como tristeza, ansiedade e irritabilidade. Quando associada à decisão de não amamentar, a depressão pós-parto também pode ter um impacto significativo na saúde e desenvolvimento do bebê. A amamentação é uma forma importante de nutrição e vínculo entre mãe e filho, e a ausência dela pode prejudicar o crescimento e desenvolvimento infantil. Este estudo tem como objetivo analisar as influências da depressão pós-parto e a ausência da amamentação em bebês, bem como os possíveis fatores que contribuem para esse cenário. Além disso, será discutido como a amamentação pode afetar positivamente a saúde e o desenvolvimento infantil, e como a abordagem adequada da saúde mental das mães pode melhorar a qualidade de vida tanto para elas quanto para seus filhos.

Várias pesquisas realizadas nas duas últimas décadas contribuíram muito para uma melhor compreensão dos benefícios do aleitamento materno para a criança e para a mulher. Muitos desses estudos apresentam resultados de projetos recentes nos quais se procurou utilizar coleta de dados e indicadores comparáveis de aleitamento.

As recomendações sobre alimentação de crianças pequenas em meados da década de 1980, publicam-se pela primeira vez estudos que comprovam a importância de amamentar exclusivamente, sem qualquer outro líquido, água ou chá, levando à menor risco de morbidade 1 e mortalidade 2. Essas novas diretrizes recomendam que as crianças sejam amamentadas de forma exclusiva até os seis meses e, que após este período, gradativamente se inicie a alimentação complementar mantendo a amamentação até pelo menos os dois anos de idade 3.

Assim, inicia-se a busca junto a renomados cientistas e profissionais de saúde pública com o objetivo de reunir ideias e ações para compor políticas e programas que possam levar ao aumento da prática do aleitamento materno exclusivo nos primeiros meses de vida. Propõem-se também consultas técnicas sobre alimentação complementar concomitante com a amamentação, integrando-se propostas de capacitação profissional que, já neste século, passam a cobrir o período do nascimento até o segundo ano de vida. Nos anos 90, analisando-se os dados do Demographic and Health Surveys para diversos países, observa-se que o aleitamento materno exclusivo até quatro meses cresceu de 46% para 53%. Bebês amamentados exclusivamente apresentaram menor morbidade por diarreia em comparação com aqueles que receberam aleitamento materno junto com alimentos complementares aos 3-4 meses.

Foram conflitantes os resultados quanto a ferro e anemia, pois nos países em desenvolvimento onde os estoques de ferro no recém-nascido costumam ser baixo, o

aleitamento materno exclusivo sem suplementação com ferro pode comprometer a situação hematológica destas crianças. Por muito tempo persistiam críticas sobre provável crescimento mais lento de crianças amamentadas quando comparadas às alimentadas com fórmula infantil, usando-se o referencial do Centro Nacional para Estatísticas em Saúde dos Estados Unidos, conhecido como curvas NCHS.

Por outro lado, ainda há alguma controvérsia sobre as consequências em longo prazo do aleitamento materno. Uma revisão de literatura, publicada por Jain, em 2002, tentou determinar o quanto a amamentação tem efeito benéfico sobre o intelecto. Apenas dois com recém-nascidos a termo apresentavam boa qualidade e destes apenas um concluiu que o efeito da amamentação sobre a inteligência era significativo. Estes ácidos graxos de cadeia longa estão presentes no leite materno, mas não na maioria das fórmulas lácteas infantis.

O ácido araquidônico (AA) e o Ácido docosaexaenoico (DHA) se acumulam no cérebro e na retina mais rapidamente durante o último trimestre da gestação e nos primeiros meses após o nascimento. Uma dieta inadequada ou uma significativa falta de estimulação - principalmente estimulação verbal - nos primeiros meses podem acarretar efeitos negativos sobre o progresso cognitivo posterior da criança.

No entanto, apesar das pesquisas sobre os benefícios do aleitamento materno para mãe e para a criança, Escobar et al (2002,) afirma que:

“Embora a grande maioria das mães conheça importância do leite materno e tenha amamentado seu filho, a média da duração do aleitamento exclusivo observada neste estudo foi de 3,3 meses, menor do que o mínimo preconizado pela OMS”.

Todo lactente precisa de estimulação suficiente e previsibilidade em seu ambiente para maximizar o período inicial de rápido crescimento e plasticidade cerebral.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

A pesquisa faz a análise de como o conjunto de sintomas depressivos em mulheres no período pós-parto e o abandono precoce do aleitamento pode influenciar no desenvolvimento do bebê. Possui natureza básica, pois foca na melhoria de teorias científicas para melhoria da predição ou compreensão de fenômenos naturais. É de objetivo exploratório, cuja aplicação tem por finalidade de familiarizar-se com o fenômeno que está sendo investigado, para que a pesquisa possa ser concebida com uma maior compreensão, entendimento e precisão. Possui

abordagem qualitativa, realizando um exame intensivo dos dados e compreensão do contexto do problema.

Utilizou-se do procedimento técnico bibliográfico, o qual é o estudo de dados e informações. E as técnicas utilizadas para a coleta de dados é a pesquisa documental e pesquisa bibliográfica, a qual tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis sobre o tema.

Os recursos literários utilizados foram encontrados nos portais de pesquisa Scholar Google, Scielo - O - The Scientific Electronic Library Online. Sendo utilizados artigos, jornais e revistas científicos; utilizando descritores como: aleitamento materno, depressão pós-parto, puerpério, amamentação, e influências da amamentação na relação mãe-bebê.

Na busca realizada com os descritores mencionados, foram encontrados 37 artigos, dos quais, 24 foram utilizados, descartando os demais pelos seguintes critérios de exclusão: data de publicação anteriores aos últimos 18 anos; textos que abordaram a temática de forma vaga para o contexto a ser estudado nesse trabalho; e, por fim, textos que expressaram as mesmas ideias de outros materiais encontrados previamente. Já os critérios de inclusão, permearam uma relação direta/integral com a temática das influências da depressão pós-parto e a ausência da amamentação em bebês, onde falavam de nuances da depressão pós-parto, da relação mãe-bebe e, da amamentação e sua ausência.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

O Conselho Nacional de Saúde (CNS), afirma que mulheres que tem licença maternidade menor que 6 semanas, tem 400% mais chances de não amamentar seu filho e recorrer ao desmame precoce. E ainda, que o ministério da saúde definiu que, o aleitamento materno é a forma de proteção mais econômica e eficaz contra a mortalidade infantil, protegendo as crianças de diarreias, infecções respiratórias e alergias, entre outras doenças.

O que mostra uma necessidade de abordar a temática, e mais ainda, de proteger a licença maternidade, especialmente de mães que se encontram em condições de vulnerabilidade.

Sousa et. al, disseram que gravidezes planejadas ou desejadas apresentam menos riscos de desenvolver depressão pós parto, quando comparadas as que não foram. E que, os fatores socioeconômicos e sociais estão diretamente ligados ao desenvolvimento da depressão; de modo que a recuperação física e sexual da mãe, bem como uma boa assistência pós-parto, cuidados adequados à criança, e apoio da família se mostrou como fatores cruciais para a estabilidade mental materna.

De acordo com Machado et. al, os fatores psicossociais, e fatores sociodemográficos se mostraram como preditores no abandono do aleitamento materno exclusivo. Uma vez que, os sintomas de depressão pós-parto e de partos traumáticos, estão associados com o abandono do aleitamento materno no segundo mês após o parto. Já para mães que abandonaram a amamentação no quarto mês, foram atreladas às variáveis de menor escolaridade materna, não possuir imóvel próprio, ter voltado a trabalhar, não ter recebido orientações sobre amamentação no puerpério, reação negativa da mulher com a notícia da gestação e não receber ajuda do companheiro com a criança. E considerando isto, se faz necessário identificar e tratar precocemente, a lactante com sintomas depressivos, com a finalidade de promover maior duração do aleitamento materno exclusivo e de reduzir a mortalidade que está associada à DPP.

Este texto apresenta uma forte necessidade de se ter um olhar mais acolhedor em relação à mãe com DPP na literatura, principalmente, considerando o fato de que a literatura aponta a DPP como um causador de doenças e morbidade neonatal, e sendo este, um meio que precisa ser resolvido apenas para diminuir os riscos ao neonato, e não, com enfoque no tratamento e acolhimento da nutriz, que antes disso, é mãe e mulher, e precisa ter seus direitos e necessidades, considerados.

Segundo Lino et. al, o aleitamento materno, além de trazer inúmeros benefícios para o desenvolvimento saudável do bebê, por ser o alimento mais completo para a criança na fase inicial da vida, é uma intensa forma de interação e vinculação mãe-filho. E que, proporciona efeitos positivos não só para o bebê, mas também, para a mãe, uma vez que, a liberação de ocitocina durante a lactação tem sido associada à redução dos níveis de estresse e da sintomatologia depressiva, e ressalta que, a DPP nem sempre é um fator causado exclusivamente pelo perfil psicológico da mãe, mas, da ausência de uma rede de apoio.

Para Muller et. al, a gestação e o puerpério, precisam ser vistos com especial atenção, observando-se as várias alterações no comportamento feminino e na vida do casal. Pois há uma expectativa social de um modelo de mãe perfeita, uma imagem romanceada da maternidade, que está alicerçada sob um rígido padrão incapaz de admitir qualquer vestígio de sentimentos ambivalentes que ela possa vir a sentir. O que justifica o fato de que no primeiro mês de vida, as chances de desenvolver depressão é 3 vezes maior do que em qualquer outra fase da vida da mulher. Os estudos apresentados por Müller et. Al, vão mostrar que a falta de suporte social, em especial, por parte do pai, é um fator predisponente para ansiedade, e que, a ajuda e o apoio emocional nos cuidados neonatais são fatores protetivos. A falta desse apoio e o suporte insuficiente podem dificultar a formação do vínculo mãe-bebê, de forma que seja inexistente ou exacerbado e isso vai trazer consequências para a vida do casal e dos filhos.

Silva et. Al, vão dizer que, esse transtorno deveria ser incluído nas orientações de

apoio desde o pré-natal e nos primeiros meses pós-parto, especialmente em mulheres de baixo nível socioeconômico. Visto que, este é tudo como um fator predisposto para DPP. Uma vez que, as pesquisas vão nos mostrar que orientações oferecidas durante a assistência pré-natal contribuem para a decisão da mulher pelo aleitamento materno, para a sua duração e, provavelmente, por ser a assistência no pré-natal um momento propício para intervenções educativas que visem à orientação e ao incentivo à prática da amamentação.

De acordo com Margotti e Mattiello, a OMS, e o Fundo das Nações Unidas (FNU), desenvolveram um conjunto de práticas e condutas, nomeadas “dez passos para o sucesso no aleitamento materno”, e propuseram a Iniciativa Hospital Amigo da Criança. As instituições que se adequam às recomendações, recebem o título de Hospital Amigo da Criança. Os nascimentos de crianças em hospitais com o título de Amigo da Criança, de modo geral, aumentam a probabilidade de elas se manterem em aleitamento materno exclusivo por mais tempo. O nascimento em hospital não credenciado como Amigo da Criança, e, mãe que trabalha fora de casa, se mostrou como fatores de risco para o aleitamento materno exclusivo aos segundo e terceiro meses de vida da criança, e a escolaridade materna de até oito anos de estudo se mostrou como fator de risco apenas aos dois primeiros meses de vida do bebê.

O departamento de ações programáticas estratégicas, do ministério da saúde, elaborou um manual técnico pré-natal e puerpério, para atenção qualificada e humanizada, que fala sobre a sintomatologia depressiva, o período de tristeza conhecido por baby blues, puerpério e as possibilidades de dificuldades a serem enfrentadas no período neonatal e de amamentação. Trazendo um adendo sobre a necessidade do olhar do profissional em levar em consideração a importância do acompanhamento no pós-parto imediato e no puerpério, prestando o apoio necessário à mulher no seu processo de reorganização psíquica quanto ao vínculo com o seu bebê, nas mudanças corporais e na retomada do planejamento familiar. Bem como, que ele esteja atento a sintomas que se configurem como mais desestruturantes e que fujam da adaptação “normal” característica do puerpério.

4 RESULTADOS

A construção desse trabalho utilizou-se dos descritores já mencionados, que foram: aleitamento materno, depressão pós-parto, puerpério, amamentação, e influências da amamentação na relação mãe-bebê. Onde, foram encontrados 37 artigos, porém, ao filtrar o que de fato agregaria ao trabalho, foram selecionados 24 artigos, que estão compondo a tabela 1.

Numeração do artigo	Titulo	Referências	Ideia central Do texto:
---------------------	--------	-------------	-------------------------

A1	Depressão pós parto e seus efeitos na relação mãe – bebê	Alves B. K. G., da Silva E. G. DEPRESSÃO PÓS PARTO E SEUS EFEITOS NA RELAÇÃO MÃE – BEBÊ, revisão de literatura, Revista de Iniciação científica e extensão - REICEN. V. 4 n.1 2021. Acessado em 24 de mar. de 2023 21:27 https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/314	Analisar as características da depressão pós-parto e fatores de risco associados à sua ocorrência. Bem como: Interferência na relação mãe-bebê
A2	Influência do aleitamento materno na depressão pós-parto: revisão sistematizada.	Santana K. R., et. Al. Influência do aleitamento materno na depressão pós-parto: revisão sistematizada. Revista de Atenção à Saúde. São Caetano do Sul, SP. v.18, n. 64, p.110-123. abr./jun. 2020. Acessado em 25 de mar. de 2023 13:34 . https://doi.org/10.13037/ras.vol18n64.6380	Conhecer a associação entre amamentação e DPP. E os meios para a detecção precoce desses fatores , que permitem o controle da DPP, podendo evitar a interrupção da amamentação.
A3	Depressão pós-parto: características, fatores de risco, prevenção e tratamento.	Silva N. L., et. Al. Depressão pós-parto: características, fatores de risco, prevenção e tratamento. Revista Eletrônica Acervo Saúde REAS vol. 13 (8). Acervo+ index base. 2021 . Acessado em 25 de mar. de 2023 15:25. https://doi.org/10.25248/REAS.e8658.2021	Pode- se considerar que fatores genéticos, hormonais e ambientais são responsáveis pelo surgimento do quadro, que impactam diretamente a qualidade de vida das mulheres, além de interferir na relação mãe-filho.
A4	A prevalência da depressão pós-parto e suas consequências em mulheres no Brasil.	De Souza N. K. P., Magalhães E. Q., Júnior O. M. J., A prevalência da depressão pós-parto e suas consequências em mulheres no Brasil. Research, Society and Development, v. 10, n. 15, 2021. Acessado em 25 de mar. de 2023 16:53. http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i15.23272	Avaliar a prevalência e os fatores associados para o surgimento da depressão em gestantes no período pós- parto.
A5	O impacto da depressão pós-parto no aleitamento materno e no desenvolvimento infantil: Uma revisão integrativa.	Matteussi Lino, C. ., de Barros Ribeiro, Z. ., de Fátima Possobon, R. ., & Casati Lodi, J. . (2020). O impacto da depressão pós-parto no aleitamento materno e no desenvolvimento infantil: Uma revisão integrativa. <i>Nursing (São Paulo)</i> , 23(260), 3506–3510. https://doi.org/10.36489/nursing.2020v23i260p3506-3510	Identificar o impacto da depressão pós-parto no aleitamento materno e no desenvolvimento infantil.
A6	Depressão pós-parto e suas implicações no desenvolvimento infantil.	Fernandes, F. C., & Cotrin, J. T. D. (2013). DEPRESSÃO PÓS-PARTO E SUAS IMPLICAÇÕES NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL. <i>Revista Panorâmica Online</i> , 14, 15–34. Recuperado de https://periodicoscientificos.ufmt.br/revistapanoramica/index.php/revistapanoramica/article/view/454	Como a depressão pós-parto pode afetar as interações iniciais entre mãe e filho, e quais suas implicações para o desenvolvimento infantil.

A7	A importância da amamentação em relação a saúde bucal do bebê.	Matos A. S., Labuto M. M., A importância da amamentação em relação a saúde bucal do bebê. CADERNOS DE ODONTOLOGIA DO UNIFESO v. 2, n.1, 2020, pp.88-96, Teresópolis. Acessado em: 24 de mar. de 2023. 14:01. https://www.unifeso.edu.br/revista/index.php/cadernosodontologiaunifeso/article/view/2079/858	discutir a importância da amamentação em relação à saúde bucal do bebê, apontando os benefícios do aleitamento para o bebê, especialmente no que se refere ao processo de dentificação e o que é necessário para que ele ocorra; e para a mãe, tanto na relação mãe-filho quando no processo biológico de adaptação e afins.
A8	Desafios da amamentação: as dificuldades no aleitamento materno e a função do enfermeiro como mediador.	Santana T. C. S. A., et. Al. DESAFIOS DA AMAMENTAÇÃO: AS DIFICULDADES NO ALEITAMENTO MATERNO E A FUNÇÃO DO ENFERMEIRO COMO MEDIADOR. 21º congresso nacional de iniciação científica CONIC – SEMESP 2021. Acessado em: 24 de mar. De 2023. 15:13 https://conic-semesp.org.br/anais/files/2021/trabalho-1000007726.pdf	Analisar o protagonismo do enfermeiro como mediador na identificação dos problemas e as dificuldades que as puérperas enfrentam durante o período da amamentação, e as estratégias eficazes de enfrentamento.
A9	Vivência da amamentação por mães adolescentes: experiências positivas, ambivalências e dificuldades.	Sehnm G. D. et. Al. VIVÊNCIA DA AMAMENTAÇÃO POR MÃES ADOLESCENTES: EXPERIÊNCIAS POSITIVAS, AMBIVALENCIAS E DIFICULDADES. Revista de Enfermagem UFSM 2016 Out/Dez. acessado em: 24 de mar. de 2023. 18:40. https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/23707/pdf	compreender a vivência da amamentação em mães adolescentes. E a necessidade de planejar e aplicar estratégias de aconselhamento que oportunizem às mães adolescentes expressarem suas dificuldades, promovendo e protegendo a amamentação.
A10	Amamentação: entre o leite do bebê e a escolha materna.	Ercolin L. T. C., et. Al. AMAMENTAÇÃO: ENTRE O LEITE DO BEBÊ E A ESCOLHA MATERNA. Semana acadêmica – revista científica FORTALEZA-CE. EDIÇÃO 224. V.10. ANO 2022. Acessado em: 24 de mar. de 2023. 21:08. https://semanaacademica.org.br/artigo/amamentacao-entre-o-deleite-do-bebe-e-escolha-materna	investigar o efeito estruturante da amamentação na constituição da subjetividade do bebê e as razões associadas à escolha materna para amamentar.
A11	Amamentação na adolescência: revisão integrativa.	Silva E. B., Amamentação na adolescência: revisão integrativa. UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR FACULDADE DE ENFERMAGEM. Salvador – Bahia, 2019. Recuperado em 06 de abr. de 2023. 15:47. https://scholar.google.com.br/scholar?q=AMAMENTA%C3%87%C3%83O+NA+ADOLESC%C3%84NCIA:+REVIS%C3%83O+INTEGRATIVA+erica+borges+da+silva&hl=pt-BR&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholar#d=gs_qabs&t=1680833266309&u=%23p%3D90chluXQqowJ	Analisar o processo de amamentação nas puérperas adolescentes. Considerando que, O processo de amamentação de mães adolescentes é extremamente difícil, pelo conhecimento reduzido a respeito da amamentação, inexperiência, dificuldade com o ato de amamentar que acabam se tornando alguns dos fatores associados ao desmame precoce em adolescentes.
A12	Apoio paterno ao aleitamento materno: uma	Silva B. T., Santiago L. B, e Lamonier J. A. Apoio paterno ao aleitamento materno: uma revisão	O pai como suporte para a mãe e a amamentação; as percepções do pai acerca da amamentação; e o impacto

	revisão Integrativa	integrativa. Revista Paulista de Pediatria [online]. 2012, v. 30, n. 1 [Acessado 6 Abril 2023], pp. 122-130. < https://doi.org/10.1590/S0103-05822012000100018 >. Epub 27 Mar 2012. ISSN 1984-0462. https://doi.org/10.1590/S0103-05822012000100018 .	das intervenções educativas sobre o aleitamento materno, para pais.
A13	Associação entre depressão pós-parto e a prática de aleitamento materno exclusivo nos três primeiros meses de vida	Silva CS, Lima MC, Sequeira-de-Andrade LA, Oliveira JS, Monteiro JS, Lima NM, et al. Association between postpartum depression and the practice of exclusive breastfeeding in the first three months of life. J Pediatr (Rio J). 2017;93:356-64. https://www.scielo.br/j/jped/a/Bp46yYvShfWDjZQhFpNbDBL/?lang=en	Verificar a associação entre a depressão pós-parto e a ocorrência do aleitamento materno exclusivo.
A14	Impacto da depressão pós-parto na amamentação	SILVA, Victória Marques. Et al. Impact of Postpartum Depression on Breastfeeding: An Integrative Literature Review. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Year 06, Ed. 06, Vol. 10, pp. 60-74. June 2021. ISSN: 2448-0959 https://www.nucleodoconhecimento.com.br/health/postpartum-depression	Como a DPP pode afetar a amamentação e a relação entre mãe e bebê. A probabilidade de substituição do leite materno por fórmula láctea é considerada quando a mãe apresenta sintomas depressivos, sendo um fator que deve ser considerado com atenção por todos os profissionais que acompanham a saúde da criança prejudicada nutricionalmente.
A15	Sintomas de depressão pós-parto e sua associação com as características socioeconômicas e de apoio social	Santos, M. L. C., Reis, J. F., Silva, R. de P., Santos, D. F., & Leite, F. M. C.. (2022). Sintomas de depressão pós-parto e sua associação com as características socioeconômicas e de apoio social . Escola Anna Nery, 26(Esc. Anna Nery, 2022 26), e20210265. https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2021-0265 https://www.scielo.br/j/ean/a/wvn5x49ZqbgzhKGs4pqPnqb/?lang=pt#	Verificar a prevalência de sintomas de depressão pós-parto em puérperas e sua associação com características socioeconômicas e de apoio social.
A16	O processo de amamentação e suas implicações para a mãe e seu bebê	Costa, Paulo José da, & Locatelli, Bárbara Moreira do Espírito Santo. (2008). O processo de amamentação e suas implicações para a mãe e seu bebê. Mental, 6(10), x-xx. Recuperado em 26 de mar • o de 2023, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272008000100006&lng=pt&tlng=pt . http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-44272008000100006	Discutir as implicações da amamentação, considerando os diversos fatores que a tornam um fenômeno multidimensional, cujos efeitos têm consequências significativas para a mulher/mãe e seu bebê, particularmente no desenvolvimento emocional e na saúde mental da dupla.
A17	Maternidade e trabalho: associação entre depressão pós-parto, apoio social e satisfação conjugal	Manente, Milena Valelongo, & Rodrigues, Olga Maria Piazzentin Rolim. (2016). Maternidade e Trabalho: Associação entre Depressão Pós-parto, Apoio Social e Satisfação Conjugal. Pensando famílias, 20(1), 99-111. Recuperado em 11 de abril de 2023	O presente estudo pretendeu identificar, entre mães trabalhadoras, ainda em licença gestante, aspectos relacionados ao bebê (cuidados, aleitamento), relação conjugal, volta ao trabalho, rede de apoio e conhecimentos sobre seus direitos e a associação destes aspectos com a

A23	Depressão pós-parto materna: crenças, práticas de cuidado e estimulação de bebês no primeiro ano de vida.	Campos B.C., Rodrigues O.M.P.R., DEPRESSÃO PÓS-PARTO MATERNA: CRENÇAS, PRÁTICAS DE CUIDADO E ESTIMULAÇÃO DE BEBÊS NO PRIMEIRO ANO DE VIDA. Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho – UNESP. São Paulo, SP, Brasil, 2015. Acessado em: 21 de mar. de 2023. 20:13hrs. Depressão pós-parto materna: crenças, práticas de cuidado e estimulação de bebês no primeiro ano de vida (bvsalud.org)	Identificar o índice de depressão pós-parto materna de bebês entre dois e quatro meses de idade, descrever as práticas de cuidado primário e estimulação utilizadas por elas assim como suas crenças à respeito da importância destas e, por fim, relacionar a presença ou ausência de comportamentos indicativos para depressão com a frequência de realização das práticas e a importância relatada.
A24	Pesquisa revela dados inéditos sobre amamentação no Brasil.	Levy. B., PESQUISA REVELA DADOS INÉDITOS SOBRE AMAMENTAÇÃO NO BRASIL. (Icict/Fiocruz) 2021. Acessado em: 30 de mar. De 2023. 21:02 Pesquisa revela dados inéditos sobre amamentação no Brasil (fiocruz.br)	Pesquisa inédita coordenada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) mostra como a amamentação está presente na vida de crianças de até dois anos e suas mães. O Estudo Nacional de Alimentação e Nutrição Infantil (ENANI-2019), encomendado pelo Ministério da Saúde, mostra que metade das crianças brasileiras são amamentadas por mais de 1 ano e 4 meses. E, também, que no Brasil quase todas as crianças foram amamentadas alguma vez (96,2%), sendo que dois em cada três bebês são amamentados ainda na primeira hora de vida (62,4%). A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério da Saúde recomendam manter o aleitamento materno até os dois anos de idade ou mais, oferecendo só leite do peito até o sexto mês de vida.

Os resultados encontrados com base nos artigos compuseram um arcabouço que engloba assuntos ligados à depressão pós-parto, como: suas influências e características; implicações na relação mãe-bebê; fatores de risco; tratamento e prevenção; prevalência e consequências; seu impacto e implicações no desenvolvimento infantil; e dificuldades relacionadas ao aleitamento materno.

5 DISCUSSÕES

Em suma, grandes partes dos artigos convergem entre si. Pôde-se perceber que de forma macro, é possível dividir a tabela 1 em dois subgrupos, onde 1, fala sobre a depressão

pós parto em alguma esfera, e 2, fala sobre amamentação, também englobando variados aspectos. Dito isso, é possível colocar dentro do subgrupo 1, os artigos: A1, A2, A3, A4, A5, A6, A13, A14, A15, A17, A18, A20, A21, A22, e A23. Ao passo que, A7, A8, A9, A10, A11, A12, A16, A19 e A24, compõem o subgrupo 2. E, alguns artigos abordam as temáticas de ambos os grupos, ainda que superficialmente; já listados inicialmente nos grupos cuja temática respectiva é o assunto principal. Sendo eles: A2, A5, A6, A13, A14, A17, A24.

Ao afunilar os assuntos tratados nos textos, é possível relacionar A1, com A3, A7, A14 e A17, pois, todos estes falam sobre a relação mãe-bebê, cada um com o olhar voltado para algum ponto específico, como em A1 e A3, que analisam as interferências da DPP nesse relacionamento; A3 também entende que a DPP está intimamente ligada à fatores genéticos, hormonais e ambientais; e o quadro depressivo impacta negativamente de forma direta na relação mãe-bebe, bem como, na vida e funcionamento da mãe e mulher. E, em A14 analisam tanto as influências da DPP, como da amamentação na relação mãe-bebê.

E de forma singular, entram A7, que avalia aspectos da relação mãe-bebe, mas, tem como objetivo principal, abordar as influências da amamentação na saúde bucal e a forma como ela fortalece o processo biológico, especialmente no que tange o desenvolvimento dentário, e o vínculo mãe-bebê estabelecido nesse período. Bem como, A17, que também aborda aspectos da relação mãe-bebê, mas com enfoque na adaptação da mãe ao processo da maternidade, o período de licença maternidade, o retorno à vida profissional, relacionamento conjugal, vida social e demais aspectos da vida cotidiana, agora com a participação de um novo bebê, de forma que identifica uma vasta necessidade de se implantar serviços de acompanhamento às mães recentes, para garantia da saúde materna e consequentemente, do bebê.

Ainda pensando em singularidades, temos mais um texto que em contexto micro, trás assuntos que não dialogam com os demais, que é o caso de A10, que enxerga a amamentação como uma escolha da mãe, que foge a temática da DPP, mas aborda aspectos do aleitamento materno e desenvolvimento infantil, e considera uma mãe com a saúde mental estável e em condições de fazer escolhas, pressupostas por fatores plurais, que se cercam pelos sentimentos, história de vida, fatores psicoafetivos, socioculturais, morais e religiosos.

Do mesmo modo, essa singularidade alcança A12, que isoladamente aponta o papel do pai no fornecimento de suporte e apoio para a mãe, no período de aleitamento materno, evidenciando o impacto das intervenções educativas a esse respeito nos pais, e a importância dessa função para que o processo ocorra da forma mais saudável possível. O texto trás também recortes acerca da percepção dos pais quanto a isso e a forma como eles se sentem, se incluindo nessa dinâmica.

Saindo do âmbito do assunto polarizado em uma única fonte, temos alguns artigos cujos temas conversam em dupla, como é o caso de A8 e A18, que embora tenham sido utilizadas diversas fontes advindas de revistas ou faculdades de enfermagem; apenas estas abordam esse assunto, que é referente a função/papel dos profissionais da enfermagem na mediação entre os desafios da amamentação e as dificuldades no aleitamento materno; com um olhar voltado para a busca de estratégias de enfrentamento e meios para identificação de problemas e dificuldades que acometem puérperas, e no caso de A18, sua especificidade que não é contemplada em A8, é voltada para evidenciar o papel do enfermeiro na identificação de sinais e sintomas da DPP, especificamente nos serviços de atenção primária.

Também é tida essa dualidade em A9 e A11, em que ambos abordam minúcias da vivência da amamentação de mães adolescentes, porém, cada uma seguindo um viés diferente, no sentido de que, A9 tenta visualizar esse cenário por uma ótica mais positiva, buscando compreender como é essa experiência para mães adolescentes e possíveis estratégias de aconselhamento e suporte, para que essas mães possam se expressar e receber auxílio, afim de que a amamentação seja protegida. E, A11, segue uma linha que se atem a analisar os aspectos da amamentação e pontuar dificuldades nesse percurso, que são maiores para puérperas adolescentes, devido a fatores como inexperiência, pouco conhecimento acerca da amamentação, dificuldade com o ato de amamentar, e consequentemente, desmame precoce.

O A2 e A19 dialogam entre si e diretamente com a temática desse trabalho, pois, buscam compreender, respectivamente, as influências da DPP na amamentação, identificação precoce dos fatores que contribuem para esse quadro, a fim de evitar o desmame precoce, e, em A19, encontrar, determinantes mais amplos que influenciam a prática do aleitamento materno em si, e o conhecimento e percepção que as mulheres têm em relação a esse assunto.

Ainda nessa perspectiva de duplicidade, temos A13 e A23, e A20 e A23, que também se envolve ligeiramente com A15. Onde, A13 e A23, se ligam por explorar aspectos relacionados a um período determinado, que em A13, busca compreender como a DPP está associada ao aleitamento materno, e ocorrência do mesmo até os primeiros 3 meses de vida, de forma exclusiva; verificando que a DPP é uma das principais causas da interrupção da amamentação. E, A23, que busca compreender a DPP com o viés das crenças que a mãe tem a respeito das práticas de cuidado com o bebê, para assim identificar os estímulos utilizados por elas para com os bebês, de modo que se alinhe a frequência desse cuidado, atravessado pela DPP, onde se comprovou que mães com DPP,

o realizam com menor frequência. Junto a isso, entra o diálogo com A20, que compreende esse mesmo aspecto, mas, busca alternativas de intervenção, e a construção de um protocolo de psicoeducação, em conjunto com um treinamento para que possam reconhecer suas emoções, para que possa haver prevenção da DPP de forma eficaz. Diante disso, A15 chega para falar sobre como todo esse contexto sofre interferência do status socioeconômico e do apoio social que é ou não disponibilizado/dispensado a essa mãe, de modo que a intervenção profissional tem grandes indicativos de eficácia ao se utilizar um plano realizado multiprofissionalmente e individualizado, atendendo as necessidades particulares da mulher no período gravídico-puerperal.

Agora, uma ponte que conecta 4 artigos, está ligada pelo impacto da DPP e/ou do aleitamento materno, no desenvolvimento infantil. Sendo estes: A5, A6, A22 e A24. Como já dito nesse trabalho anteriormente, a amamentação é essencial para o desenvolvimento infantil, e em A22, são apontados dados em que a amamentação exclusiva é demasiadamente importante para o desenvolvimento físico, cognitivo, social e emocional da criança. Corroborando com os demais que explanam com mais intensidade os aspectos prejudiciais da não amamentação e desmame precoce e o modo como os sintomas de DPP, que causam uma série de alterações neuroendócrinas e ajustes/desajustes psicossociais, impactando e influenciando na produção de leite materno e o ato de amamentar. Sendo uma prioridade trazida em A24, à recomendação da OMS em relação à amamentação exclusiva pelo menos até os primeiros seis meses de vida da criança.

De certo modo, pode se dizer que, A4 e A16, também englobam a pauta mencionada no quarteto anterior, pois, A4 também fala sobre os impactos da DPP, porém, a forma como ela afeta as mães, enquanto portadoras da DPP, com objetivo de avaliar a prevalência e os fatores que se alinham ao surgimento da DPP, e também, de depressão em gestantes. E, A16, centraliza sua pesquisa no fenômeno da amamentação, o reconhecendo como fator multidimensional e com implicações que afetam tanto o bebê, quanto a mãe.

A21, por sua vez, apresenta um aspecto de responsividade materna à DPP, que, para contextualizar, responsividade, de acordo com o dicio – dicionário on-line remete a capacidade de responder adequadamente ao que lhe é perguntado ou imposto, de forma adaptada a circunstância. Buscando compreender como a responsividade se desenvolve nesse contexto, de forma que proteja a mãe e o bebê das consequências da DPP e assegure a saúde de ambos.

6 Conclusão

O tema abordado teve como objetivo, analisar como o conjunto de sintomas depressivos em mulheres no período pós-parto e o abandono precoce do aleitamento, podem influenciar no desenvolvimento do bebê, e na relação mãe-bebê. De forma que a mãe possa ser sensibilizada ao compreender as vantagens do leite humano em relação às formulas artificiais, e os benefícios que também são atribuídos a lactante.

E, ao longo do processo de pesquisa e análise dos materiais encontrados, foi percebido que o assunto é de suma importância, tanto para os profissionais da saúde que atuam no atendimento materno-infantil, quanto para a compreensão da complexidade da DPP e a forma como influencia o aleitamento materno, desenvolvimento infantil e obviamente, o bem-estar da mãe; por parte da mãe e pessoas próximas, especialmente as que compõem a rede de apoio.

Surpreendentemente, a literatura aponta diversos estudos apontando como a DPP se desenvolve, como ela tem potencial de influenciar na amamentação, e consequentemente no desenvolvimento infantil, dentre outros aspectos importantes relacionados a temática, que foram amplamente explorados na tabela 1, e posteriormente, na discussão. No entanto, foi notada a ausência de pesquisas que abordassem como a DPP é comum e tem se apresentado na população gravídica-puerperal de forma cada vez mais frequente, de modo que pudesse alcançar mulheres e mães de forma acolhedora, sem culpabilizá-las.

Se atentando a essas facetas da trama de modo geral, pode se dizer que os objetivos traçados inicialmente, foram alcançados, pois, os achados endossaram um compilado de informações que deram sentido a essa busca, de compreender as influências e de estruturar fatores que possam ser apresentados à mãe como estratégia de incentivo à amamentação.

Porém, também abriu espaço para um olhar de outro ângulo, mostrando uma lacuna literária em relação a estudos que sirvam como informativos para a população leiga, de forma humanizada, a fim de evitar que uma nova fonte de sofrimento para mães acometidas pela DPP. Tornando-se crível que haja continuidade nesse estudo, de forma mais aprofundada, e possivelmente, sendo regido por esse aspecto mencionado.

REFERÊNCIAS

Conselho nacional de saúde (CNS), ministério da saúde.

Sousa L. M., Silva G. A. O., El Bazi T. C., Graciano M. V. V., Deus A. L. C., Mendonça V. O., Santos A. M. S. Influência da depressão pós-parto no aleitamento materno. RESU –

Revista Educação em Saúde: V7, suplemento 2, 2019. UNIEVANGÉLICA, 17ª mostra de saúde.

Machado M. C. M., Assis K. F., Oliveira F. C. C., Ribeiro A. Q., Araújo R. M. A., Cury A. F., Priore S. E., Franceschini S. C. C. Determinantes do abandono do aleitamento materno exclusivo: fatores psicossociais. Revista de saúde pública, 2014.

Lino C. M., Ribeiro Z. B., Possobon R. F., Lodi J. C. impacto da depressão pós-parto no aleitamento materno e no desenvolvimento infantil: Uma revisão integrativa. Revista Nursing, 2020.

Müller E. V., Martins C. M., Borges P. K. O., Prevalência do transtorno de ansiedade e de depressão e fatores associados no pós-parto de puérperas. Rev. Bras. Saúde Mater. Infant., UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, 2021.

Silva C. S. Et. Al, Associação entre a depressão pós-parto e a prática do aleitamento materno exclusivo nos três primeiros meses de vida. Universidade Federal de Pernambuco, Pós- graduação em Saúde da Criança e do Adolescente, Recife, PE, Brazil. Jornal de Pediatria [online]. 2017.

Margotti E., Mattiello R. Fatores de risco para o desmame precoce. Revista da rede enfermagem do nordeste, vol. 17. UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. 2016.

MINISTÉRIO DA SAÚDE

Secretaria de Atenção à Saúde Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Brasília-DF, 2006.

World Health Organization. Global strategy for infant and young child feeding. World Health Organization. Geneva: World Health Organization. United Nations Children's Fund; 2003.

Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar. Brasília: Ministério da Saúde; 2009. (Série A. Normas e Manuais Técnicos); (Cadernos de Atenção Básica, n. 23).

Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Pesquisa de prevalência de aleitamento materno em municípios brasileiros: situação do aleitamento materno em 227 municípios brasileiros. Brasília: Ministério da Saúde; 2010.

Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Atenção Básica e Saúde da Família [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2011.

<http://psychology.about.com/od/bindex/g/basicres.htm> Lewin [ligação inativa], K. (1951). Field theory in social science: selected theoretical papers [Teoria de campo em ciência social: trabalhos teóricos selecionados]. D. Cartwright (ed.). New York, NY, EUA: Harper & Row. McBride, D. M. (2013). The process of research in psychology [O Processo de pesquisa em psicologia]. Los Angeles, LA, EUA: SAGE Publications. Stanovich, K. (2007). How to think straight about psychology [Como pensar direito sobre psicologia] (8ª Ed.). Boston, MA, EUA: Allyn & Bacon.

«What is basic research?» (PDF). National Science Foundation. Consultado em 31 de maio de 2014

"Curiosity creates cures: The value and impact of basic research Arquivado em 20 de outubro de 2013, no Wayback Machine., National Institute of General Medical Sciences, National Institutes of Health.

"ICSU position statement: The value of basic scientific research" Arquivado em 6 de maio de 2017, no Wayback Machine., International Council for Science, December 2004.

Liz Karagianis - MIT Spectrum (21 de abril de 2015). «How discovery science is reinventing the world - MIT News». MIT News

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Rita apud THEODORSON, G. A. & THEODORSON, A. G.(1995). Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. Sítio Scielo Public Health
<http://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0034-89101995000400010&script=sci_arttext&tlng=> Acessado em 17 de abril de 2010.

CLEMENTE, Fabiane apud GIL, A. C. (2007). Pesquisa qualitativa, exploratória e fenomenológica: Alguns conceitos básicos. Sítio Administradores
<<http://www.administradores.com.br/informe-se/artigos/pesquisa-qualitativa-exploratoria-e-fenomenologica-alguns-conceitos-basicos/14316/>>. Acessado em 17 de abril de 2010.

COLLIS, Jill; HUSSEY, Roger. Pesquisa em Administração (2 ed.). Porto Alegre: Bookman, 2005.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 1999.

FORTE, Sérgio Henrique Arruda Cavalcante - Manual de elaboração de tese, dissertação e monografia. Fortaleza: Universidade de Fortaleza. 2006).

Dicio – dicionário on-line de português.

<https://www.dicio.com.br/responsividade/#:~:text=substantivo%20feminino%20Caracter%C3%ADstica%20do%20que,%2C%20adaptando%2Dse%20%C3%A0s%20circunst%C3%A2ncias.>